

# Cunha Rodrigues A Justiça segundo Donald Trump

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

Ano XXXVIII • Número 1262 • De 13 a 26 de fevereiro de 2019  
• Portugal (Cont.) €3,20 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Rita Azevedo Gomes

**A Portuguesa em Berlim**

Entrevista de José Vieira Mendes PÁGINA 24

Areal, nome de arte

**Três gerações reunidas** PÁGINAS 22 E 23

Jorge Carlos Fonseca,  
o Presidente da  
República (de Cabo  
Verde) escritor.  
Entrevista e poemas  
inéditos



# Correntes d'Escritas



Manuel Vilas,  
autor do que foi  
considerado o  
melhor romance  
espanhol de 2018,  
*Ordesa*, agora a sair  
entre nós. Entrevista  
e a crítica de Maria  
Fernanda Abreu

Assinalando duas décadas de existência,  
a edição deste ano do Encontro de Escritores  
de Expressão Ibérica, na Póvoa de Varzim,  
de 16 a 27, é a maior de sempre do principal  
festival literário português. Dedicamos-lhe  
um Tema de 15 páginas – e entre  
os destaques estão os que pode  
ver/ler nesta capa

PÁGINAS 6 A 20

Agustina Bessa-Luís,  
numa biografia de  
Isabel Rio Novo que  
nos revela os seus  
traços essenciais.  
Pré-publicação de  
páginas sobre  
a Póvoa



Milton Hatoum, um dos mais  
importantes escritores do Brasil,  
em excelente conversa sobre o seu  
romance e o seu país. Crítica de  
Ronaldo Cagiano



Sergio Ramírez, Prémio  
Cervantes 2018, figura relevante  
da Nicarágua, de que foi vice-  
-presidente, e da América do  
Sul, fala-nos do livro que vai  
lançar, da política e da vida

Colunas e crónicas de A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa  
Santos, G. d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helena  
Simões, Miguel Real, Onésimo T. Almeida, Patrícia Portela,  
Tiago Patrício, V. Soromenho-Marques e Valter Hugo Mãe



# Areal, nome de arte

## Um património de formas

Areal ao cubo, três gerações de artistas, na mesma família, António, Sofia e Martim, numa equação com 26 anos de diferença na data de nascimento como denominador comum, 1934, 1960 e 1986, mas que traduz mais do que qualquer resultado da probabilidade genética ou das leis da hereditariedade. É um património de formas que se pode descobrir numa exposição em Torres Novas, no Mercado do Peixe, até 10 de março

MARIA LEONOR NUNES

O

Entre eles, um círculo, uma “circularidade” traçável como um movimento intergeracional. E mais do que uma geometria, uma “exigência”, um “individualismo”. Um destino traçado na arte portuguesa contemporânea, em três tempos, como um pergaminho familiar. Areal3, no Mercado do Peixe, em Torres Novas, junta 34 obras de António Areal, Sofia Areal e Martim Areal Brion, avô, filha e neto, a quem unem não só laços de parentesco, mas uma irresistível predisposição genética para a arte.

A exposição surgiu de um convite de Margarida Moleiro, diretora do Museu Carlos Reis, e em ligação à galeria Neupergama, onde, há 20 anos, convidada então pelo galerista José Carlos Cardoso, Sofia Areal entrou numa exposição, benjamim de um grupo de artistas como António Sena, João Vieira ou Mário Cesariny. A relação com a galeria manteve-se sempre, mesmo depois da morte do galerista, com a filha deste que lhe sucedeu e num almoço, a propósito de uma mostra do trabalho da pintora em Abrantes, alargou o círculo ao trabalho do seu filho. “E por que não, circularmente, fazemos uma mostra conjunta de três gerações?”, alvitrou Sofia.

A ideia concretizou-se, também porque Martim Brion tem revisitado ultimamente a obra do avô, reunindo inclusivamente testemunhos de pessoas que o conheceram, pensando numa



Areal 3 Exposição em Torres Novas, no Mercado do Peixe

futura retrospectiva de António Areal, que morreu em 1978, e que teve uma última grande exposição em 1990. “Inicialmente, tinha-se pensado juntar obras da mãe e do filho, o que poderia parecer quase um apadrinhamento, mas achámos que seria mais interessante uma mostra com uma maior abrangência, seguindo uma linha condutora familiar”, explica o artista.

Uma linha que nem sempre foi evidente para ele, que chegou a ter uma certa “aversão” ao mundo da arte, arte que no entanto que esteve sempre presente, nomeadamente através dos quadros de António Areal que povoavam as paredes da casa onde cresceu. “Estão lá desde que nasci e acho que os sei de cor. Não havia uma influência consciente, mas inconsciente e a oportunidade de fazer esta exposição fez-me olhar para o meu trabalho e ver essa ligação.

E, sobretudo, perceber qual o meu património e investigar sobre o avô que não conheci e que todos dizem ter sido um grande artista”.

Um património de formas. Com a mãe eram já reconhecidas as “influências cruzadas”, até por muitas trocas de ideias e opiniões habituais. De resto, a mostra da linhagem Areal justificou-se tanto mais quanto o trabalho artístico é assunto natural nas conversas entre mãe e filho. “Além do amor inato, unem-nos mais os interesses comuns pela arte e pela literatura”, acrescenta Sofia.

Uma relação literária forte presente nas obras que Martim mostra em Areal3, uma escultura e fotografias especialmente criadas para aquele espaço. “Andava a ler Proust e das referências a Racine, ao teatro, à cortina de palco,

“

**Esta exposição fez-me olhar para o meu trabalho, perceber qual o meu património e investigar sobre o avô que não conheci, António Areal, que foi um grande artista Martim Brion**

surgiram os nomes de algumas peças”, adianta o artista. “Todos temos na literatura uma certa inspiração, porque gostamos muito de ler, o que se vê nos jogos de palavras com os títulos, mais trocadilhos, num jeito brincalhão no caso

da mãe, sarcásticos e de crítica social e da própria história de arte, no avô”.

Por seu lado, Sofia Areal encontra uma maior proximidade entre os trabalhos do avô e do neto, por um carácter “conceptual” que ambos partilham, embora não se tivessem conhecido. “Há um fio condutor que, no entanto, nos liga aos três”, adianta. “Trabalhamos de uma forma muito pessoal, não de grupo, apesar de o meu pai ter começado pelo surrealismo e ter passado à pop, embora não fosse bem surrealista ou pop. Ou de eu ser expressionista ou gestual, mas também nem tanto. Sendo artistas e por sê-lo, como me foi ensinado e ensinei, todos temos um trabalho profundamente individual de pessoas que observam o mundo”.

E de maneira diferente: “Agimos de acordo com essa forma de observar, tendo sempre em conta que existe um percurso do Homem pensador, História de Arte, cultura, onde vamos beber”. Uma atitude artística que não esquece a relação com os outros, o público, implicando “reciprocidade”. “Temos a constante consciência de que estamos no mundo”, diz ainda a pintora.

Além dessa observação “exigente” do mundo e do próprio trabalho, uma quase “urgência” em relação ao tempo que lhes foi dado viver, também os liga a cor, a forma. “O que quisemos na exposição foi que se descobrisse o jogo de influências, percebendo como por exemplo utilizo certas formas que o meu avô e a minha mãe já utilizavam”, faz notar Martim.

Mas há outras afinidades e singularidades a descobrir. “O meu trabalho tem um lado muito imediato, que não tem a ver com o não pensar, com uma sofrerguidão gratuita. Vem de um pulsar, do criar um problema que vou resolver”, assevera Sofia. “O meu pai já sabia o que ia fazer quando começava um trabalho. E é engraçado que acontece o mesmo com o Martim. Mas há sempre uma depuração, um lado certo”.

No “meio” dos dois artistas, António Areal, pintor, e Martim Brion, fotógrafo e escultor, Sofia Areal é, como ironiza, a “argolinha” de ligação, um elo de continuidade na diferença. “Eu sou mulher e sinto que o meu trabalho é de pintora”, salienta ainda, frisando o feminino, embora não decorra de uma posição de género. “Nem gosto que me chamem artista plástica, porque isso alarga para um campo que não é o meu. Tenho uma necessidade absoluta de concentração na pintura e no desenho. E sinto que o meu trabalho é profundamente feminino, no sentido em que nós, mulheres, permitimo-nos o poder da intuição”.



### TRÊS CAMINHOS AUTODIDATAS

António Areal nasceu no Porto, em 1934 e começou a expor em meados dos anos 50. É um dos nomes de referência do século XX português, com uma obra multifacetada no domínio da pintura, com abordagens da tridimensionalidade, cruzando diferentes movimentos artísticos, do surrealismo a nova figuração, no desenvolvimento de uma linguagem própria, complementada por uma produção teórica sobre as vanguardas e na crítica de arte.

Sofia Areal tinha 18 anos quando o pai morreu Prematuramente (na sequência de agressões nunca esclarecidas), com 44 anos, sendo que os pais se haviam separado quando tinha oito. Ela guarda dele uma recordação “muito viva” e apesar da separação, reconhece que teve uma “grande importância” no seu trabalho, que aliás, iniciou já depois da sua morte. “Lembro-me como se fosse ontem, estar no atelier do meu pai e ele a explicar a diferença entre o baço e o brilhante, a transparência, o cheio e o vazio, o contorno da forma física do trabalho, que foi depois muito importante para mim”, recorda.

Martim Brion, nascido em 1986, também teve berço artístico e viveu entre os ateliers do pai e da mãe, já que é filho de Sofia Areal e de Rui Sanches, escultor e professor universitário. Talvez venha por via paterna a sua escolha da escultura. Um caminho que não foi, porém, uma primeira escolha. É que de tanta convivência com arte – até depois da separação dos pais: também a segunda mulher do pai, Teresa Segurado Pavão, e o filho desta, Henrique Pavão, são artistas – causou-lhe uma espécie de saturação, uma vontade de ir para os antípodas. E foi. “Não queria ter nada a ver com aquilo que os meus pais faziam e que achava uma seca”, justifica com um riso. “Sempre que saía com o meu pai, basicamente o programa era ir a exposições e ao cinema para variar um pouco”.

Estudou política e depois gestão. A “reaproximação” à arte foi lenta. Fez estágios, trabalhou em várias empresas, criou as suas, tentou mesmo juntar os negócios às artes com a ideia de fazer uma galeria, estudou na Sotheby’s, chegou a trabalhar na Christie’s. Porém, nada o realizava completamente. Até que um dia, alguém lhe perguntou se era estar ao computador a tratar das finanças que queria fazer. “Disse-lhe que achava um trabalho interessante, mas ...”, lembra. “E ele perguntou-me de que mundo vinha. Aí, eu percebi que era da arte”.

Voltou assim à “base”. “Remou contra a maré, mas foi



Sofia Areal Um elo de continuidade entre gerações

“**O meu trabalho tem um lado muito imediato, vem de um pulsar. O meu pai já sabia o que ia fazer quando começava e acontece o mesmo com o Martim**  
Sofia Areal

aproximando-se com coragem daquilo que sempre sentiu que era o seu campo. E tinha que ser”, observa Sofia.

Foi ela, como lembra Martim, que acabou por impulsioná-lo decisivamente, há meia dúzia de anos, a começar a fazer fotografia. “Só tive com ele duas teimas e insisti de uma maneira bastante firme: quando ele pensou abandonar o caratê, que achei que lhe fazia falta como estruturação mental, e na altura em que estava indeciso no rumo a dar à vida e lhe disse para fazer o que sentia, sem pensar no dinheiro ou no que quer que fosse. Como quem acionasse uma urgência médica”, garante ela. “E acho que o resultado foi bom”.

Atualmente, Martim vive e trabalha em Berlim. “Comecei a desenvolver os meus projetos e a ler muito sobre arte. Fiz um pequeno curso na Royal College of Art, porque achei importante ter uma educação artística, já que não tenho estudos específicos nessa área”, sublinha.

“E curiosamente essa é uma característica comum, porque o meu avô, a minha mãe e eu somos todos autodidatas, estudamos por conta própria”. E dos antecedentes familiares,

vem, em seu entender, também o conhecimento e a “confiança” que lhe permitiu avançar nesse meio.

“O Martim teve sempre esse à-vontade com o fazer artís-

tico, com o pensar e o olhar, com a escrita”, diz Sofia. E um fazer artístico que não tem a ver com muito trabalho de artistas visuais, que precisam de dez páginas escritas para explicar um desenho de computador. Há uma forte componente da arte que hoje precisa de livro de instruções, de que me sinto completamente afastada. Não só porque uma obra tenha que falar por si própria, mas também por uma questão de confiança no que as pessoas vão ver e sentir”.

De António Areal, pode ser visto, no Mercado do Peixe de Torres Novas, um conjunto de obras que pertencem à Fundação Gulbenkian. Martim Brion, que a 2 de março irá inaugurar um projeto individual, Capela - Altar - Janela - Uma paisagem com as cores do mar, na Travessa da Ermida, em Lisboa, mostra peças de 2014 até hoje, uma pequena vista sobre a “progressão” do seu trabalho que parte em regra da fotografia, “imediate”, para a escultura, “mais amadurecida”. E Sofia Areal fez uma nova série de pinturas a que chamou Amélie, justamente o nome da neta, filha de Martin, que tem apenas alguns meses. Quem sabe uma futura Areal4... Ao que tudo indica, a avaliar pela presente exposição, os genes da arte não são recessivos. JL

